

LIÇÃO TRÊS

327. Agora que o Filósofo mostrou o que é a memória e a qual parte da alma ela pertence, ele mostra aqui a causa do lembrar.

Quanto a isso, ele faz duas coisas: primeiro, menciona uma dúvida; depois, resolve-a, onde diz: "Ou é, como acontece, etc."

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas: primeiro, menciona a dúvida; depois, indica algo que a dúvida supõe, onde diz: "Pois é claro, já que é necessário, etc."; finalmente, apresenta razões relativas à questão, nas palavras: "Mas se tais ocorrências, etc."

Portanto, ele diz primeiro que alguém pode se perguntar por que, ao lembrar, lembramos da coisa que não está presente e não lembramos da paixão presente, pois ao lembrar, uma certa paixão afeta a alma no presente, mas as coisas lembradas estão ausentes.

328. Então, quando ele diz: "Pois é claro, já que é necessário, etc.", ele esclarece a coisa que havia pressuposto; ou seja, que uma certa paixão está na alma enquanto lembramos. Primeiro, ele manifesta isso por meio de uma causa; depois, por meio de sinais, onde diz: "Por essa razão, naqueles, etc."

Ele diz, portanto, primeiro, que é obviamente necessário entender que alguma paixão desse tipo foi feita pelos sentidos na alma e no órgão do corpo animado. Pois dizemos que a memória da alma é uma espécie de hábito e que a paixão é como uma imagem, porque a coisa sensível imprime sua semelhança nos sentidos, e essa semelhança permanece na imaginação, mesmo quando a coisa sensível está ausente. Portanto, ele acrescenta que o movimento feito nos sentidos pela coisa sensível imprime algo como uma figura sensível na imaginação, que permanece mesmo na ausência da coisa sensível, da mesma forma que aqueles que selam com anéis imprimem uma certa figura na cera, que permanece mesmo quando o selo ou anel é removido.

329. Ele diz: "Na alma e em parte do corpo", porque a paixão, que é um ato do corpo orgânico, pertence à parte sensitiva; não pertence apenas à alma, mas ao composto. Além disso, ele chama a memória de hábito dessa parte porque a memória está na parte sensitiva, e retemos, por assim dizer, habitualmente aquelas coisas que conservamos na memória, quando não as estamos apreendendo atualmente.

330. Então, quando ele diz: "Por essa razão, naqueles, etc.", ele manifesta o que propôs por meio de sinais, ou seja, que ao lembrar, a paixão acima mencionada está presente. Ele diz que, já que tal experiência é necessária para a memória, acontece que certas pessoas não têm memória porque estão envolvidas em grande movimento, seja por causa de um estado aflito do corpo, como nos enfermos ou nos ébrios, ou por causa da alma, como naqueles excitados pela ira ou concupiscência. Isso também acontece se alguém está em uma idade marcada pelo crescimento ou declínio. Pois, por meio de tais causas, o corpo do homem está em certo fluxo; e, portanto, não

pode reter uma impressão que é feita a partir do movimento de uma coisa sensível, como aconteceria se algum movimento ou mesmo um selo fosse impresso em água corrente. A figura desapareceria imediatamente por causa do fluxo.

331. Além disso, em alguns outros, a impressão anteriormente mencionada não é recebida. Às vezes, acontece por causa da frieza que congela os humores, como naqueles que estão com grande medo; pois, por causa da frieza, nada pode ser impresso em suas almas. Ele dá (aqui) o exemplo de edifícios antigos. A parede, quando é nova e antes que o cimento tenha endurecido, pode ser facilmente alterada, mas não depois de endurecida. Às vezes, não acontece por causa da frieza, mas por causa da dureza natural do que deve receber a paixão. Pois os corpos terrosos são duros, mesmo que sejam quentes, mas os corpos aquosos são endurecidos pelo congelamento. Pelas razões dadas acima, aqueles que são muito jovens, como meninos, e também os idosos, são deficientes em memória, porque os corpos dos meninos estão em movimento constante por causa do crescimento; os idosos, por outro lado, por causa do declínio. Portanto, uma impressão não é bem retida em nenhum (dos grupos).

332. No entanto, acontece que as coisas que se recebe na infância são firmemente retidas na memória por causa da veemência do movimento, assim como acontece que as coisas sobre as quais nos maravilhamos são mais impressas na memória. Nós nos maravilhamos especialmente, no entanto, com o novo e o incomum: daí uma maior admiração pelas coisas, como se fossem incomuns, afeta os jovens que estão conhecendo o mundo pela primeira vez; por essa razão, eles se lembram firmemente. No entanto, por causa da disposição de seu corpo em mudança, é seu destino serem fracos na memória; Ele acrescenta, além disso, que, de modo semelhante, pelas razões dadas anteriormente, nem aqueles que são especialmente rápidos em apreender, nem aqueles que são muito lentos são bons em lembrar.

Aqueles que são especialmente rápidos são mais úmidos do que deveriam ser, pois é fácil para o úmido receber impressões. Mas aqueles que são mais lentos também são mais duros e, portanto, a impressão do fantasma não permanece tão prontamente na alma. "No entanto, não toca o duro"; ou seja, eles não recebem a impressão do fantasma.

333. O que foi dito pode ser explicado de outra forma, de modo que se leria, primeiro, que ele designou o movimento superveniente como a causa do defeito de memória, que, depois, ele manifestou pelo exemplo dos jovens e idosos. Então, em segundo lugar, ele designou uma causa a partir de uma disposição natural, pois o humor aquoso, que é frio e úmido, abunda em alguns e, portanto, as impressões dos fantasmas são facilmente dissipadas neles, como edifícios antigos colapsam facilmente; enquanto em outros, o humor terroso abunda e, assim, eles não recebem a impressão por causa de sua dureza. Depois, ele manifesta isso por meio do exemplo daqueles que são rápidos e lentos (ao apreender).

334. Também deve ser considerado que ele disse anteriormente que a impressão do fantasma é feita na alma e em parte do corpo, para que depois pudesse mostrar que os homens são relacionados de forma diferente em relação a uma impressão desse tipo por causa de diversas disposições do corpo.

335. Então, quando ele diz: "Mas se tais ocorrências, etc.", ele argumenta sobre a questão levantada anteriormente. Primeiro, tendo manifestado o que supôs, ele retoma a questão. Ele diz que se isso acontece com relação à memória, ou seja, que há uma certa paixão presente nela, como em uma imagem, deve-se perguntar se uma pessoa lembra dessa paixão que está presente em si mesma ao lembrar, ou da coisa sensível da qual essa impressão foi feita.

336. Então, onde ele diz: "Se o primeiro, etc.", ele levanta a objeção a uma solução, dizendo que, se alguém dissesse que o homem lembra da paixão presente, seguir-se-ia que ele não lembraria nada das coisas ausentes, o que vai contra o que já foi decidido.

337. Finalmente, nas palavras: "Se o último, etc.", ele levanta três objeções à outra solução. Ele dá a primeira, dizendo que, se alguém lembra daquela coisa da qual uma paixão foi eliciada, pareceria incongruente que um homem sentisse o que está presente; ou seja, a paixão, e simultaneamente lembrasse o que está ausente, que ele é incapaz de sentir. Pois foi dito que a memória pertence ao primeiro elemento sensitivo (sentido comum); e assim não parece que o sentido é de uma coisa e a memória de outra.

338. Ele apresenta a segunda objeção onde diz: "E se é semelhante, etc." Diz que se uma paixão deste tipo, que está presente naquele que lembra, está em nós como uma certa figura ou imagem dos próprios sentidos, representando a primeira mudança operada nos sentidos pelo objeto sensível, por que a memória seria de outro; ou seja, da coisa e não da própria imagem ou figura? Pois, como o sentido é a figura, é evidente que pode ser apreendida. Além disso, também é evidente pela experiência que aquele que lembra especula intelectualmente sobre essa paixão, e também a sente pela parte sensitiva. No entanto, parece incongruente que, quando uma coisa está presente que cai sob a apreensão, ela mesma não seja apreendida, mas sim outra coisa.

339. Ele oferece a terceira objeção nas palavras: "Como então, etc." Pergunta como alguém poderia lembrar do que não está presente por um Sentido interno. Uma vez que os sentidos externos são conformados aos sentidos internos, seguir-se-ia que os sentidos externos estariam lidando com uma coisa que não está presente, de modo que, por exemplo, alguém veria e ouviria uma coisa não presente, e isso parece questionável.

340. Então, quando diz: "Ou é como acontece, etc.", ele resolve a questão levantada. Primeiro ele mostra a causa do lembrar; em seguida, mostra o que faz com que algo seja bem preservado na memória, onde diz: "Os exercícios, no entanto, etc."; finalmente, ele faz um resumo, nas palavras: "O que, de fato, etc." Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas: primeiro, resolve uma dúvida; depois, torna a solução clara por um sinal, onde diz: "E por causa disso, às vezes, etc."

Ele diz, portanto, que se pode explicar como o que foi dito ocorre e acontece, ou seja, que alguém percebe a paixão presente e se lembra da coisa ausente. Ele apresenta o exemplo de um animal pintado numa tábua, que é tanto um animal representado quanto uma imagem de um animal real. Embora ambos os aspectos pertençam ao mesmo sujeito, no entanto, esses aspectos diferem em formalidade. Assim, uma é a consideração dele como animal representado, a outra como ele é a imagem de um animal real. De maneira semelhante, o fantasma, que está em nós, pode ser tomado como algo em si mesmo, ou como é um fantasma de outra coisa. Em si mesmo, deve ser considerado como um tipo de objeto sobre o qual o intelecto especula, ou também a fantasia, na

medida em que pertence à parte sensitiva. Como é um fantasma de outra coisa, que sentimos ou compreendemos anteriormente, é considerado como uma imagem que leva a outra e o princípio do lembrar.

341. Portanto, como a alma lembra no modo de um fantasma, se a alma se volta para ele em si mesmo, ele parece estar presente à alma, seja como algo inteligível que o intelecto contempla no fantasma, ou simplesmente como o fantasma que a faculdade imaginativa apreende. Se a alma se volta para o fantasma na medida em que é o fantasma de outra coisa, e o considera como uma imagem do que anteriormente sentimos ou compreendemos, como foi dito sobre a pintura (por exemplo, se alguém não vê Córisco, mas considera um fantasma dele como a imagem de Córisco), há agora uma outra paixão para essa consideração, e agora isso pertence à memória.

342. Além disso, assim como acontece com o fantasma de algum homem singular, que às vezes é considerado em si mesmo e às vezes como imagem; por exemplo, a imagem de Córisco; assim também acontece com os objetos inteligíveis. Pois às vezes o intelecto olha para um fantasma como para um certo animal representado (e isso ocorre) se o olha em si mesmo, e assim é considerado unicamente como uma certa coisa inteligível; se, no entanto, o intelecto o olha como é uma imagem, será assim um princípio do lembrar, como acontece 'aqui'; i.e., a respeito de coisas particulares.

343. Portanto, é evidente (disso) que, quando a alma se volta para o fantasma, como é uma certa forma reservada na parte sensitiva, há então um ato da imaginação ou da fantasia, ou mesmo do intelecto considerando isso (no) universal. Se, no entanto, a alma se volta para ele como imagem do que anteriormente ouvimos ou compreendemos, isso pertence ao ato de lembrar.

Portanto, porque ser imagem implica uma certa significação sobre uma forma, Avicena diz acertadamente que a memória diz respeito à intenção, a imaginação, à forma apreendida pelos sentidos.

344. Então, quando diz: "E por causa disso, às vezes, etc.", ele esclarece o que disse, por certos sinais. Ele diz que, porque lembramos no momento em que atendemos ao fantasma, na medida em que é a imagem do que anteriormente sentimos e compreendemos, portanto, os homens estão situados em relação ao ato de memória de uma maneira tríplice.

345. Pois às vezes ocorrem em nós movimentos de fantasmas, que são formados a partir do que sentimos e são deixados da primeira mudança de um sentido próprio pela coisa sensível; mas não sabemos se esses movimentos estão em nós porque anteriormente sentimos algo. Assim, perguntamo-nos se estamos lembrando ou não.

346. Então, às vezes acontece que um homem compreende e se recorda de algo porque o fantasma do que (ele) ouviu ou viu anteriormente ocorre então a (ele), o que é propriamente lembrar. Isso acontece quando um homem, que está imaginando um fantasma, é de fato movido pelo próprio fantasma presente; mas o considera na medida em que é a imagem de outro que ele anteriormente sentiu ou compreendeu.

347. Finalmente, o contrário da primeira maneira às vezes acontece, de modo que o homem acredita que lembra quando não lembrou, como aconteceu a um certo homem chamado Antíferon,

que veio de Oretano; e também acontece àqueles que sofrem de perturbação mental. Pois eles pensam que os fantasmas que lhes ocorrem pela primeira vez são, por assim dizer, de alguns eventos anteriores, como se lembrassem daquelas coisas que nunca viram ou ouviram. Isso acontece quando alguém considera o que não é a imagem de outro evento anterior como se fosse sua imagem.

348. Quando então diz: "Os exercícios, no entanto, etc.", ele mostra por que coisas a memória é preservada. Ele diz que as meditações frequentes sobre aquelas coisas que sentimos ou compreendemos preservam sua memória, de modo que alguém se recorda bem das coisas que viu ou compreendeu. A meditação nada mais é do que considerar as coisas muitas vezes como uma imagem de coisas previamente apreendidas e não apenas em si mesmas, cujo modo de preservar pertence à formalidade da memória. Está claro, também, que pelo ato frequente de lembrar o hábito dos objetos memoráveis é fortalecido, como também qualquer hábito (é fortalecido) através de atos semelhantes; e uma multiplicação da causa fortalece o efeito.

349. Então, quando diz: "O que, portanto, etc.", ele resume similarmente o que foi dito. Ele diz que foi notado o que é a memória e o que é lembrar: que a memória é um hábito; i.e., uma certa preservação habitual de um fantasma, não, de fato, em si mesmo (pois isso pertence à faculdade imaginativa), mas na medida em que o fantasma é uma imagem de algo anteriormente sentido. Mostramos também a que parte da alma (das coisas que estão em nós) a memória pertence; ou seja, que pertence ao primeiro elemento sensitivo (sentido comum), na medida em que conhecemos o tempo através dele.

Revision #2

Created 8 October 2026 22:10:15 by Admin

Updated 8 October 2026 22:16:20 by Admin